

O VISÍVEL OLHO DA ESCURIDÃO NA SOMBRA DE PAUL CELAN

Patrícia Sheyla Bagot de Almeida⁷⁷

*“tu folheis, agora terra fina,
Os meus remotos
testemunhos.”
(CELAN)*

RESUMO

Paul Celan, pertencente à literatura de expressão alemã do pós-guerra, também denominada literatura de escombros é judeu, nascido em Czernowitz capital da Bukowina, país de asquenazes. Considerado um dos maiores poetas no cenário alemão do século XX tem sua poesia tomada frequentemente como uma hermética abertura. O objetivo intentado neste artigo é o de compreender a escuridão como fragmento nodal da poética de Paul Celan e verificar como a escuridão passa do tema central da abordagem para a constituição ou modo de ser próprio da poesia. Para alcançarmos este escopo, reunimos as suas mais diversas obras na tentativa de encontrar a voz própria do poeta na sua feitura da poesia. A abordagem da obra celaniana foi tecida nas trilhas de teóricos como Jean-Pierre Lefebvre (2001), Bernhard Böschstein (1969), João Barrento (1996), Marko Pajević (2000), Philippe Lacoue-Labarthe (1997), Kyung-Hong Suh (2006), entre outros, cujas obras encontradas e entrelaçadas abriram o acesso para uma pesquisa frutífera, pertinente e luminosa para fazer ver *O VISÍVEL OLHO DA ESCURIDÃO NA SOMBRA DE PAUL CELAN*. Assim, tentamos revelar a acautelada luz que emana da poesia como expressão da verdade existencialmente humana.

Palavras-chave: Celan, Escuridão, Poesia, Existência, Palavra.

INTRODUÇÃO

Paul Celan⁷⁸ figura entre os cânones da literatura pós-segunda Guerra Mundial como um ilustre desconhecido, um poeta para todos e para ninguém. As razões são claras, suas obras não possuem tantos tradutores, escolheu escrever em uma língua de pouca fluência acadêmica e mercadológica e a fez com uma suposta chave hermética. Poeta das pedras e da sombra, assim como da vida e da morte, encerrou sua trajetória na travessia da humanidade.

⁷⁷ Doutoranda em Letras, Linguística e Filosofia, área de Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e professora da Faculdade Católica de Anápolis.

⁷⁸ Paul Celan é um pseudônimo anagramático de Paul Antschel, que na grafia romena é Ancel.

Nascido na Romênia, em 1920, filho de judeus hassídicos⁷⁹ falantes de alemão, teve, em 1942, seus pais deportados para o campo de concentração de Michailowka⁸⁰ onde foram assassinados, sendo o próprio poeta deportado para o campo de trabalho e lá permanecendo dezoito meses. Sua vida e sua criação foram marcadas pela nódoa da barbárie do Holocausto e, por esta razão, secunda o estudioso João Barrento que “o percurso de Celan é muito mais radical, no sentido de uma descida mais funda às raízes da existência e da linguagem.” (1996, p. XXX). Posterior a esta descida e à tentativa de sobrevivência angustiada, Paul Celan suicidou-se em 1970, deixando importantes obras para a poetologia após Auschwitz.

Pensar a relação do poeta com a Segunda Guerra Mundial tem desafiado muitos estudiosos: João Barrento, Böschenstein, Marko Pajević, Michael Hamburg, Georg Steiner, Poppenhusen, que buscam compreender a verdadeira intencionalidade do poeta, ao pensar o lugar da poesia e da arte na contemporaneidade. Imersos na tentativa de compreensão de um tempo sem cercanias, estes pesquisadores reuniram inúmeros temas da poesia celaniana e, dentre estes, figura o tema da escuridão que só pode ser analisado por sua conseqüência mais direta, o espiral da sombra. É a este tema que o presente artigo se entrega, com a humildade de reconhecer que do lugar que falamos nenhum porto se erguerá. Teremos apenas um encontro, entoado pelo canto do poeta, com palavras que flutuam entre escuro, sombra e dor, e com uma poesia que aspira por uma entrega, “o grito de uma flor” que “anseia por uma existência.” (CELAN, 1998, p.65).

Começemos, então, essa abordagem com o pensamento do próprio poeta: “a hora do nascimento da poesia, senhores e senhoras, está na obscuridade. A poesia como poesia mesma é obscura.” (CELAN, p.85, 1960, Tradução nossa)⁸¹, afirmou o poeta no seu discurso Meridiano de 1960. A palavra obscuridade, sinônimo aqui de escuridão, aparece em quase todas as poesias de Celan, e em torno dela, aparecem outras palavras

⁷⁹ O hassidismo era uma manifestação do judaísmo vivenciado na Alemanha, que almejava uma vida nova, em que a simples e cotidiana existência de cada um era pensada para proporcionar nova luz ao mundo. Assim, pregava a simplicidade, a devoção de cada dia, na concretude de cada momento e na santificação de cada ação. O hassidismo aproxima Deus do mundo, por esta razão o mundo, a existência e o outro são temas de profunda importância para o hassidismo. Sobre este assunto Cf. VON ZUBEN, *Martin Buber, cumplicidade e diálogo*, São Paulo: Edusc, 2003. p. 77-84.

⁸⁰ “No meu joelho desfeito por uma bala,/ ali estava ele, meu pai,/ grande/ mais do que a morte, estava/ ali,/ **Michailowka** e o cerejal à sua volta:/ eu sabia que isto ia acontecer, disse ele.” Cf. CELAN, P. *A morte é uma flor*, trad. João Barrento, Lisboa: Cotovia, 1998. p. 87.

⁸¹ Die Geburtsstunde des Gedichts, meine Damen und Herrn, liegt im Dunkel. (...) Das Gedicht ist als Gedicht dunkel. Cf. CELAN, P. *Meridian*, p. 85.

de fechamento, tais como sombra, pedra e silêncio. Sondemos as razões, ao menos as conjecturas, pelas quais o poeta elegeu esta palavra como espaço da sua lírica.

A ESCURIDÃO E O SILÊNCIO COMO TOPOS DA LÍRICA CELANIANA

A escuridão sempre foi recorrente na literatura, um *topos* do gênero da lírica, fortemente presente na poesia alemã. “Desde o final do século XIX, parece que não há, em meio à lírica alemã, quase nenhum nome importante no qual a obra, pelo menos em parte, não seja caracterizada pelo tema da escuridão. Cito, por exemplo, Georg, Hofmannsthal, Rilke, Benn, Loerk, Brobowiski, Celan.”⁸² (BÖSCHENSTEIN, 1969, p.51, Tradução nossa). A poesia de Celan, neste aspecto, ata-se à tradição simbolista e a estende um pouco mais à tradição surrealista. Quanto a isto, há um acordo entre os estudiosos do poeta, de que é inegável a influência dessas estilísticas, mas também a sua negação e o seu afastamento. Se a escuridão, posterior a estas tradições, se tornou um lugar comum entre os poetas modernos, o que diferencia Celan dos demais? Assertivamente o fato de que o poeta é o primeiro a dar a este tema um pensamento outro, a tratar a escuridão como algo positivo e que permeia o ser para sua afirmação de vida. “Abriste os olhos – vejo a minha escuridão viver./ Vejo-a até o fundo:/ também aí é minha e vive.” (CELAN, 1996. p.45). A escuridão clássica está envolta a questões sobre a categoria do sujeito, sua subjetividade e suas dores de mundo. Em Celan a escuridão não adormece, não é solipsista, nem emudece o seu canto e nem mesmo atrai para si uma torrente pessimista, ao contrário, o faz ver, abriste os olhos, e viver, é minha e vive. Assegura ainda outro canto, “Sóis desfiados/ sobre o deserto cinzento-negro./ Um pensamento alto-/ - como - árvore/ capta o tom da luz: ainda/ há canções para cantar do outro lado/ dos homens.” (CELAN, 1996, p 123). A luz desfiada no deserto cinzento-negro capta o tom para a possibilidade de outras cores e cantos, designando assim, o vigor da escuridão celaniana, “há canções para cantar do outro lado.” Mesmo que esta canção esteja acompanhada da irônica posição do poeta: “um pensamento alto como árvore.”

⁸² Seit dem Ende des 19. Jahrhunderts scheint es unter den deutschen Lyrikern kaum mehr einen bedeutenden Namen zu geben, dessen Werk nicht zumindest zu einem Teil als dunkel hingestellt wurde. Ich nenne als Beispiele George, Hofmannsthal, Rilke, Benn, Loerke, Brobowiski, Celan. Cf. BÖSCHENSTEIN, B.: *Die Dunkelheit der deutschen Lyrik des 20. Jahrhunderts*, in : *Der Deutschunterricht* 21, 1969, p. 51.

Celan desenha a escuridão como uma dialética oscilante entre luz e sombra e dela origina um pensamento dilemático, pois segundo o poeta, “ninguém precisa afagar a vela.” (1996, p. 145), ainda outra vez, diz; “Afasta de um golpe/ os cones de luz:/ a palavra flutuante/ o crepúsculo a tem.” (CELAN, 1996, p.155). A palavra suspensa, a espera de um pouso, repousa no fim do dia, onde a luz não emite mais seus raios ofuscantes. Todavia, o poeta nunca teorizou o tema, seu posicionamento foi de plena fluidez. Sua recusa de abordagem se deve ao fato de que a escuridão é considerada o lugar de emanção do fazer poético, não um tropo, uma estética, ou um modo de composição. A escuridão existe na poesia enquanto o poema existe por si, diz o poeta, “Até que tu projetes para/ longe a lua-de-palavras que faz/ acontecer o milagre/ e gera/ crateras-como-corações/ nuas para os começos,/para os régios/ nascimentos.” (Idem, 1996, p.123). O que faz a gênese poética acontecer, como cultivo da palavra em aberturas reais é a lua. Assim sendo, a escuridão é considerada o lugar substancial e abissal da poesia, que faz os régios nascimentos, e sua sondagem se revela na tentativa de abrangência dos acontecimentos do seu tempo e da sua própria criação poética. A escuridão como parte constituinte dos seres se origina, principalmente, pela relação que o homem vivencia entre seu ser e o tempo, entre a individualidade e a comunidade, entre a permanência e a inconstância. A escuridão é a experiência que os seres têm entre si em suas mediações sociais, históricas e culturais, mas cujo medo e covardia os fazem abandoná-la.

Assim, alcançamos um dos objetivos deste estudo, o de ter na escuridão um posicionamento autêntico do poeta, uma vez que esta pode ser remetida de maneira irresponsável somente ao seu passado, ou seja, referindo-se a um período tenebroso de perdas. A poética celaniana se estende no limiar da concreta história dos eventos, dos fenômenos humanos, junto ao qual nós habitamos. É preciso notar que Celan fez de sua perda uma estreita relação com a metafísica e com a arte e, desta forma, é perigoso tentarmos compreender sua poética, tomando o seu passado como referência única e sua poesia como a tentativa desesperada de superação, não é a isto que ela se presta. A luminosidade da poesia é de outro cepo. Devemos, antes, experimentar a sua poesia como um encontro com a humanidade olvidada e abandonada no longínquo processo de construção da modernidade, que deve ser vivenciada “no abrigo da coruja, aqui,/ as conversas, cinza do dia,/ das marcas de águas subterrâneas,” (CELAN, 1996, p.95), e resiste, segura, na profundidade do cinza obscuro. Seu passado é necessário, mas não é totalizante de sua obra, nem tão pouco é seu contexto final de criação. É, antes, o palco

de sua invenção, de sua reflexão, de seu pensamento e, principalmente, de sua doação. Deste modo, cremos ter afastado a mais óbvia, por isso falsa, origem da escuridão na poesia de Celan, aquela que ata seu canto ao delírio esquizofrênico de um tempo permeado pela banalidade do mal e não mais esquecer que os “túneis de visibilidade abertos/ foram abertos a sopro na névoa da linguagem.” (1996, p.161).

Para termos maior clareza junto ao tema da escuridão, precisamos, agora, tencionar um encontro com o lugar do qual a escuridão foi reverenciada por Paul Celan: as sombras. É nela que poderemos enxergar como a escuridão se firma. A sombra, oriunda do encontro da luz com a escuridão, figura como a possibilidade de luminosidade mais equilibrada para a poesia celaniana. Mesmo designada como algo negativo na história, a sombra nada mais é do que um modo existencial, constitutivo dos seres humanos, independente das categorias psicológicas. O existir dos homens situa-se em uma fronteira, da qual só conseguimos alcançar um dos lados. Uma parte habita a luz que norteia as criações e as vivências em um ordenamento funcional, autônomo e compensatório. O outro fica retido, alheio, inalcançável. Contudo, quando os homens ousam a ela se relacionar, sem a busca compensatória, então, esta se torna uma forte intermediária para a compreensão da existência. Ou seja, a temática da sombra deve, antes de tudo, estar em um lugar que espreita o entendimento na tentativa de um acontecimento existencial. Celan, ao escolher a região das sombras, o faz por aceitação e tentativa de poder alcançar a existência inteira, em seus fragmentos e seus contrários.

Fala-
Mas não separe o Não do Sim.
Dá à tua sentença igualmente o sentido:
dá-lhe sombra.
Dá-lhe sombra bastante,
dá-lhe tanta
quanta exista à tua volta repartida entre
a meia-noite e o meio-dia e a meia-noite.

Olha ao redor:
como tudo revive à tua volta! –
Pela morte! Revive!
Fala verdade quem diz sombra.

Mas agora reduz o lugar onde te encontras:
Para onde agora, oh, despido de sombra, para onde?
Sobe. Tacteia no ar.
Tornas-te cada vez mais delgado, irreconhecível, subtil!
Mais subtil: um fio,
por onde a estrela quer descer:
para em baixo, nadar, em baixo,

onde pode ver-se a cintilar: na ondulação
das palavras errantes.”
(CELAN, 1996, p 67-69)

Neste poema fica nítida a investida do poeta na dissolução do lugar. A sombra é o elemento que pode diferenciar a força da luz. Ela se estende continuamente nas oscilações de tom, um pêndulo entre o meio-dia e a meia-noite. O poema antes da fala é a minoração do espaço topográfico e firmação do lugar onde verdades podem habitar: “fala verdade quem diz sombra”. Por esta razão, o poema trata mais das dobras da sombra do que da clássica dicotomia entre o não e o sim. Não há que haver uma identidade e sim o lugar da sentença, um *topos* sutil e mais fino de possibilidades. Se há fala e verdade, há sombra. Porém, mesmo que nas dobras da sombra se fale a verdade, ela sempre se dissipa. Um lugar solúvel que leva o poeta a tatear o ar e descer para nadar em baixo, na pouca visibilidade. Um paradoxo sutil que convoca o esvanecimento da voz do poeta na subida, para que a estrela, no cintilar de palavras errantes, possa descer. Novamente o lugar torna-se irreconhecível pois, dessa densa sutileza, resta um fio a tamborilar na ondulação das palavras vividas na opacidade da fala. Na parda luminosidade de uma estrela a vida da luz, frágil como fio. O poema se impõe pelo uso do tempo imperativo nos versos e se demora em uma única pergunta pertinente: “para onde se pode ir despido de sombras, o lugar mais seguro?”⁸³

À meia-noite da humanidade, ou ao meio-dia da razão, ou à meia-noite do pensamento, há que haver sempre sombra. A fala não deve separar as antíteses dos lugares inabitados. Ao contrário, deve-se buscar um sentido que há muito foi perdido pelo falatório, a fala corrompida, útil aos sistemas ditatoriais como o Nacional Socialismo de Hitler em 1933 e, em grande parte, aos sistemas democráticos de aspiração capitalista. Só se revive na morte desta fala, “Pela morte! Revive!”. É dela que se pode despertar o lugar seguro e é desta tonalidade crepuscular que a contrapalavra pode cintilar, “a palavra que faz romper o “arame”, a palavra que já não se curva diante dos cavalos de parada, nem de pilares da História”. (CELAN, 1996, p.45).

O extravio da sombra, seja na literatura ou em qualquer outra forma de saber, representa um prejuízo concreto à realidade do ser, uma perda, uma constatação irrevogável de que o Eu não pertence mais às situações concretas da vivência e deixou de habitar seu próprio tempo. Para corroborarmos este argumento, trazemos à luz os

⁸³ Nos poemas celanianos a sombra e o silêncio são frequentemente dissolvidos no ar, o lugar eterno e remoto de sua poesia. A solidez só é metaforizada no elemento pedra, as outras metáforas são modos de respiração, de apagamento e movimento.

estudos psicanalíticos de Carl Jung, que na sua obra *Aion*, prestou uma dedicação contundente das características positivas da sombra na formação do comportamento humano. Para o estudioso, a experiência mais leve e sensível está na sombra. Afirma Jung (1976) que a sombra está, na verdade, num complexo dolorido, como cicatriz do inconsciente, mas é igualmente a força, o vigor da vida. No entanto, para experienciar o mundo, abdicamos da totalidade negativa, mantendo-nos na superfície, ou seja, na luz, na qual as coisas próprias parecem existir.

A escuridão e a sombra vias de sofrimento resultante de sua resistente visibilidade, não são vias de superfície, antes são por onde o poeta faz sua travessia e nestas soergue o emudecimento, espriado na linguagem do silêncio. Deste modo, relacionar a sombra e a escuridão a uma poesia hermética ou estilo puramente metafísico perde sua força gravitacional na obra de Celan. A sombra transcende o sentido vulgar da fala cooptada e mecânica para tornar-se um lugar inquietante, não da dor individual do poeta, mas principalmente do flagrante fenômeno histórico e paradoxal a que tende o ser humano. Como bem frisou o estudioso Kung-Hong Suh ao referir-se a poesia de Celan: “sua sombra não é sua própria, mas sim a histórica sombra, da individual dor, todas as outras dores abraça. Em sua sombra há inúmeras dobras, na qual unifica modos distintos de respirar.”⁸⁴ (2006, p.51, Tradução nossa). A poesia de Celan é uma respiração profunda sobre aquilo que não devemos consentir, a barbárie proveniente do conhecimento meramente instrumental e do ausente vigor do pensamento. Quanto mais perto da luz, maior será a escuridão e somente sondando esta perigosa relação é que o poeta pôde encontrar o lugar seguro da sombra. Vê-se assim, com olhos de coruja, a luz através da sombra e não o seu contrário. Segundo o próprio poeta, a escuridão só pode ser compreendida através de um olhar não convertido, a cegueira. Uma vez que a discrepância entre o claro e o escuro sempre será incompleta, é necessário que o espírito (*nous*) tome seus estiletos e que o olho tome seus escudos para que o mundo não ganhe mais uma chaga. É da opacidade da sombra que emana da escuridão que surge a poesia como proposta irrevogável de um encontro, um encontro nascente da e na poesia, que reina como o autêntico lugar do dizer. Celan assim nos doa *Errático*, poema pertencente ao ciclo *A rosa de ninguém* de 1963.

⁸⁴ Sein Schatten ist, nicht sein eigener, sondern der historische Schatten, der im individuellen Schmerz alle anderen Schmerzen umarmt. In seinem Schatten gibt es unzählige Falten, worin sich verschiedene Arten des Atems vereinigen. Cf. SUH, K. H. *Das Gedicht, mit dem meridian wandernd*. Heidelberg. 2006. p.51.

Cavavam-se as noites por
baixo dos teus olhos. Sílabas re-
colhidas pelos lábios – belo
circulo silencioso –
ajudam a estrela rastejante
a chegar ao seu centro. A pedra,
antes parte perto das têmeoras, abre-se aqui:

assististe
à explosão de todos
os sóis, a alma,
no éter.
(1996, p. 108).

Erratisch, no original alemão, possui no rascunho outro título, *Muta Cum Liquida*. Não sem propósito, o adjetivo errático deriva do latim e significa vaguear ou errar, no sentido de perder-se, dispersar-se. Na geologia é uma terminação para designar errático bloco, bloco arredondado ou anguloso que subsiste depois do recuo de uma geleira. Este bloco destaca-se por sua transição e sobrevivência distante de seu lugar de origem. Atentemos para a forma do poema, a primeira estrofe figura como um bloco, compacto, no qual a escuridão da noite está visível, cavando por baixo dos teus olhos, e tal visibilidade emana da noite que ajuda as estrelas rastejantes. O auxílio vem da escuridão que pode ver o brilho das estrelas e é a mesma escuridão que faz a pedra soltar-se na segunda estrofe como um errático bloco, assegurado pela afirmação do último verso da primeira estrofe, “abriu-se aqui:”, sucedida pelo singular dois pontos celaniano, a parada para respiração.⁸⁵ Assim, este segue liberto dos sóis. Curado da mais profunda luz o *Errático* segue, o poema em doação está a caminho para nos mostrar o lugar da alma no mundo, no éter.

Aqui marcamos a impressão, a fluidez das palavras, presa, mas solta em sua representatividade, pois este bloco, embora endurecido, é ágil e rápido. É a majestosa partilha, o encontro com a experiência do poeta, generosamente doada a experiência vivencial de seus leitores. Cada ser como um bloco de sua existência ímpar solta de sua

⁸⁵ Celan utiliza a pontuação em sua poesia não para dar a poesia uma ordem sintática, mas para ceder a poesia uma parada proposital, literalmente uma parada para o canto e para respiração. Os espaços vazios e as brechas são mais importantes para Celan do que a repetição das palavras. Não há *enjabement* na sua poesia, o que há são quebras, espaços mudos e saltos. Pajevic explica em seu estudo *Zur Poetik Paul Celans*, 2000, por exemplo, que existe na poesia de Celan algo sem som, espaço livre, pontos vazios. Quando Celan reuniu sua obra para enviar a editoração, temeu que o editor preenchesse os espaços em branco e para evitar um desentendimento entre o editor e os leitores, o poeta acrescentou hífen nos espaços vazios para que tais espaços fossem visualizados. O que dificulta a leitura e a identificação da parada para respiração, a hora do silêncio, é que em alguns poemas o processo de hifenação não é uma parada, mas sim, uma quebra e uma suspensão proposital da palavra. Sobre este assunto Cf. PAJEVÍC. Marko. *Zur Poetik Paul Celans: Gedicht und Mensch – Die Arbeit am Sinn*. Heidelberg: Winter, 2000. p. 160 e 170.

origem, está fatalmente de passagem. Este é o mais profundo paradoxo, mesmo enrijecido por experiências dolorosas, que denuncia a cada instante nossa finitude. Estamos condicionalmente em movimento e isto também é a poesia, a caminho de um alvo essencial. Observamos ainda, outra proeza do poema, não há nenhuma teleologia proposta, a poesia apenas transita, errante, para qualquer lugar alcançar, mas é um caminho de águas, fluido que deflue entre geleiras humanas para um ser, um lugar que não sabemos qual, mas se move, ansiando encontrar sempre um lugar de acolhimento:

O poema, sendo como é uma forma de manifestação da linguagem e, por conseguinte, na sua essência dialógico, pode ser uma mensagem na garrafa, lançada ao mar da convicção – decerto nem sempre muito esperançasada – de um dia ir a alguma praia, talvez a uma praia do coração. Também neste sentido os poemas estão a caminho – têm um rumo. Para onde? Em direção a algo aberto, de ocupável, talvez a um tu apostrofável. (CELAN, 1996, p.34).

Tal como sua afirmação no discurso *Meridiano*, 1960, *Errático* nos captura, não pela petrificação do bloco, mas antes, pela determinação da partida. O poema deve ir, soltar-se, correndo e cultivando seus riscos de abandono, pois o escuro que modula a primeira estrofe assegura a confiança na segunda. Preparada para sua partida, ela leva a mensagem segura, uma vez limpa de todos os sóis cegos do entendimento do meio-dia, este que reluz à razão do conhecimento, que impede a visão e cega os olhos para as barbáries diárias. A noite está junto à viscosidade do crepúsculo, lugar de onde o poeta perscruta a humanidade. Da sutileza da escuridão figurada nos olhos serão reunidas as palavras, sílabas por sílabas, para então ajudar a estrela rastejante a chegar ao seu centro, a abertura e soltura do *Errático*. A pedra, antes perto das têmeoras, abre-se aqui, um silêncio a caminho, “uma mensagem na garrafa entregue no mar da convicção.” (CELAN, 1996, p. 34).

Os últimos versos mostram o perdido, o lugar da alma, no éter. O éter que para os antigos gregos era a alma do mundo torna-se, nestes versos, a perda total de luz, assististe à explosão de todos os sóis no éter, o lugar nenhum do mundo depois de seu Holocausto. Um contorno perdido, que deixa no *Errático* a sobrevivente palavra, belo círculo silencioso, em volta do negativo falatório. A sombra torna-se assim o lugar mais seguro e mais claro, uma claridade suportável, visível ao olho da escuridão da sombra de Celan, onde somente aí, podem viver-brilhar seus contornos.

Da pretensiosa luminosidade libertadora de Platão aos rumores quiméricos do *Aufklärung*⁸⁶ da modernidade, fomos lançados no escuro da sombra de um só golpe e por uma só lâmina, “os pequenos segredos ainda estão conosco, eles ainda lançam sombras, disso vives tu, vive eu, vivemos nós.” (CELAN, p.77, 1996, Tradução nossa).⁸⁷ Lançados na lâmina da sombra vive o ser humano e somente através desta é que o léxico do escuro na poesia torna-se pleno de sentido. A sombra cintila como uma fonte luminosa que tenciona a escuridão em uma possibilidade lírica incondicional para a expressão da vida na linguagem, e afasta a cabeça da gorgona medusa que petrifica a arte poética em mero automatismo historiográfico.

Eis o motivo pelo qual a poesia não pode habitar em sua inteireza na luz, pois ela como acontecimento fugidio se exila na escuridão e na sombra; uma vez que não deve ser de toda apreendida, ela se torna o que continuamente escapa e o que sempre emudece. Por esta razão ela sempre fala dentro e fora de seu tempo, porque seu fluxo é ininterruptamente existencial.⁸⁸

Quando a pergunta se impõe à poesia de Celan e a resposta nos escapa, então temos o silêncio mais talhante, os espaços mudos mais sonoros, o momento da angústia que quebra o banquete da luz em sua tagarelice e sua razão pretensamente pensante. É em volta disto e do que não pode ser dito, na hodierna tagarelice, que a lírica se eleva como a simplicidade mais complexa, como o silêncio mais cortante, como a sombra mais luminosa, como o peso mais leve, afinal diz o poeta, “torna-se mais pesado, ser mais leve” (CELAN, 1996, p.117), um paradoxo vivo e sentencioso que traz em sua raiz o bem e o mal dos homens.

Na famigerada elucubração sobre o lugar da linguagem na contemporaneidade é a lírica que pode trazer a expressão segregada e contaminada para ser reconhecida em sua sadia visibilidade e flexibilidade, não porque seja a melhor, mas sim porque é honesta

⁸⁶ A expressão *Aufklärung* refere-se ao tempo do esclarecimento, da luminosidade da razão. Tal como Platão supôs a salvação da caverna pela luz do saber e da verdade, em 1784, o filósofo Immanuel Kant publicou um artigo em um jornal alemão (*Berlinischen Monatsschrift*) intitulado “*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*”. Esse artigo consistia em situar a época conhecida por nós como iluminismo ou ilustração, (ou até mesmo “época do esclarecimento”, *Aufklärung*) no curso do progresso da história humana, e diagnosticar se esse período histórico realmente foi o esclarecimento diante da obscuridade do conhecimento religioso e científico. Uma época de profunda crença de que a razão, ou o homem esclarecido seriam capazes de potencializar a vida em uma moral autônoma e humana.

⁸⁷ die kleinen geheimnisse sind noch bei sich./ sie werfen noch Schatten, davon/ lebst du, leb ich, leben wir.” (CELAN, 1996, p.77).

⁸⁸ A poesia é potência veritativa de mundo, é essencial e singular, somente o poema aceita receber o que é fundamental e deixa a poesia aberta naquilo que se essencializa num devir constante de acontecimento. Ou seja, não há possibilidade de uma apreensão totalizante do poema pela sua expressão lógico-semântico, pois a poesia ocupa o âmbito da finitude transcendental e concreta do ser.

consigo, pois antes de mostrar-se, ela já aponta a sombra em que habita e o escuro que nos antecipa.

Vela com vela, revérbero com revérbero, brilho com brilho.

E isto aqui, por baixo: um olho,
desirmanado e fechado,
emprestando pestanas à hora tardia que chegou
sem ser a noite.⁸⁹
(Idem, 1996, p. 53).

THE VISIBLE DARKNESS EYE ON PAUL CELAN SHADOW

ABSTRACT

Paul Celan, belonging to the literature of German-speaking post-war, also known as rubble literature is Jewish, born in Czernowitz capital of Bukowina, country Ashkenazi. Considered one of the greatest poets in the German landscape of the twentieth century has its poetry often taken as a tight opening. The goal brought in this article is to understand the darkness as nodal fragment of poetry of Paul Celan and see how the darkness becomes the central theme of the approach to the establishment or mode of being of poetry itself. To achieve this scope, we gather their various works in an attempt to find the very voice of the poet in his making of poetry. The approach of celaniana work was woven in theoretical trails as Jean-Pierre Lefebvre (2001), Bernhard Böschstein (1969), John Muddy (1996), Marko Pajevic (2000), Philippe Lacoue-Labarthe (1997), Kyung-Hong Suh (2006), among others, whose works found and intertwined opened access to a fruitful, meaningful and light search to see THE VISIBLE DARKNESS EYE ON PAUL CELAN SHADOW. So, we try to reveal safeguarded light emanating from the poetry as an expression of human existential truth.

Keywords: Celan, Darkness, Poetry, Existence, Word.

REFERÊNCIAS

BARRENTO, João. Paul Celan: o Verbo e a Morte. In: CELAN, Paul. *Sete rosas mais tarde*: antologia poética. Seleção, tradução e introdução de João Barrento e Y. K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.

BÖSCHENSTEIN, Bernhard. *Die Dunkelheit der deutschen Lyric des 20 Jahrhunderts*, in: *Der deutschunterricht* 21, 1969.

CELAN, Paul. *Sete rosas mais tarde*: antologia poética. Seleção, tradução e introdução de João Barrento e Y. K. Centeno. Lisboa: Cotovia, 1996.

CELAN, Paul. *Arte poética*. Tradução: João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1996.

⁸⁹ O Holocausto do mundo junto à fogueira da razão.

JUNG, C. G. *Aion*. Olten, 1976.

PAJEVIĆ. Marko. *Zur Poetik Paul Celans: Gedicht und Mensch – Die Arbeit am Sinn*. Heidelberg: Winter, 2000.

SUH, Kyung-Hong. *Das Gedicht, mit dem Meridian wandernd*. Heidelberg: Winter, 2006.